

## PAISAGENS DO LUTO ENTRE A VIDA E A MEMÓRIA

Flávia Albergaria Raveli <sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo é uma interpretação intertextual da obra de Bernardo Kucinski, “Pretérito imperfeito” de uma perspectiva da escuta psicanalítica do texto, considerado em sua materialidade. Leitor e obra se relacionam desde as afetações promovidas pela experiência de leitura até a construção de uma interpretação, tributária do diálogo entre obra e leitor, sua memória e especificidades do processo de leitura. A psicanálise opera como uma borda para a compreensão e instituição de um sentido desde a singularidade da experiência de leitura.

**Palavras-Chave:** interpretação, alteridade, psicanálise, experiência de leitura

**Abstract:** This article is an intertextual interpretation of Bernardo Kucinski, “Pretérito Imperfeito”, from a psychoanalytic listening perspective of the text, considered in its materiality. Reader and work are related from the affectations promoted by the Reading experience to the construction of an interpretation, tributary of the dialogue between work and reader, its memory and specificities of the Reading process. Psychoanalysis operates as a border for the understanding and institution of a meaning from the uniqueness of the Reading experience.

**Key words:** interpretation, alterity, psychoanalysis, Reading experience.

Artigo recebido em: 06/03/2022

Artigo aprovado em: 15/08/2022

---

<sup>1</sup> Psicanalista, atende em consultório particular. Graduada e mestre em História pela USP, doutora em Psicologia pela USP, pós-doutorado em Teoria Literária pela Unicamp. Email: [flavinharaveli@gmail.com](mailto:flavinharaveli@gmail.com)

No romance “Pretérito imperfeito”, de B. KUCINSKI, um pai escreve para afastar-se de seu filho e tentar entender sua tragédia familiar, cujo fim o leitor conhece de início: uma carta que marcou a ruptura, a desistência e o abandono do filho pelo pai, trinta anos após sua chegada como filho adotivo do casal. A carta citada, uma escritura ausente, ancora o romance, sendo, ao mesmo tempo, sua razão e finalidade. Entre o pretérito imperfeito, inconcluso, e o tempo preciso – pretérito perfeito -- da ação concluída, encerrada. “Escrevi. (...). Despachei. (...). Registrei. (...). Expulsei.” (P. 9, 2017). Que, no entanto, não demandou resposta nem identificou remetente. “Escrevi porque era preciso.” (KUCINSKI, p. 9, 2017). O pretérito imperfeito é metáfora para o passado que não se conclui, “tempo que não cessa de não passar”, intensidade traumática que não encontra palavra ou objeto que circunscreva um sentido. E assim resta solta, presa num tempo-espço da repetição e do ressentimento. Atemporal. Como o narrador do romance. Que, no entanto, divide o relato com outros narradores em primeira pessoa, compartilhando a palavra numa cena polifônica. Cada personagem/narrador fala por si, testemunha e escritor de seu relato que interpela o outro e pede compartilhamento. A mãe do menino, o discurso médico/científico e sua prepotente autoria; uma notícia de jornal, um ou outro diálogo entre pai e filho-- raros, esparsos—e entre mãe e filho.

Como as epístolas fundadoras dos primeiros apóstolos, essa também delimita um *ethos* rígido a ser compartilhado, condição para ser aceito no grupo social e familiar. A carta é também um relato testemunhal que convoca outras testemunhas, nas duas acepções etimológicas do termo, a saber, *testes*, a testemunha ocular e *superstes*, o sobrevivente dessa experiência de luto, desistência e abandono do filho pelo pai. A cultura, o trabalho, os “valores” aos quais o pai parece aferrar-se, opera como borda e contenção para a narrativa íntima e confessional, convertendo-se em lugar de mediação e morada em que o narrador pode se demorar na construção de um significado para o vivido. No limite da solidão e do desamparado; limiar do tempo da ação e gesto: a escrita, o relato, a carta.

A reintegração psíquica, moral, e, por vezes histórica, do fato traumático depende do reconhecimento individual e público do vivido. O ressentido é a ferida aberta, o “morto-vivo insepulto”,<sup>2</sup> lembrança e atualização constante do inesquecível. Vestígio do mal recalçado, resto, sombra. Centelha do tempo fundador de sentido entre o pretérito-- sempre imperfeito-- e o instante agora instituído pela escritura e leitura, o gesto em questão. Daí, e somente então, advém a possibilidade de reparação.

O livro é um intertexto polifônico entre os dois relatos – o romance que lemos e o registro epistolar citado, narrativa ausente para o leitor, construída sobre os destroços de uma experiência traumática de paternidade; escrita de um luto. O narrador escreve para se alforriar, criar um significado que ofereça reparação. Dessa forma, a memória do relato adquire novos contornos e pode ser reintroduzida no tempo do devir. Registro íntimo, autoral, para não ser respondido; “mão do oleiro no vaso”, intraduzível, no limite. “Começo pelo fim.” Sempre no *a posteriori*, como todo sentido. Por isso carta solene, de alforria. “Escrevi à mão, cada palavra sopesada. Despachei à antiga, para ser entregue por carteiro que bate à porta, como se deve. Registrei, para me assegurar da entrega.” (Kucinski, 2017, p. 9)

A carta é o discurso do ausente, performance da falta do sujeito e do tempo sobre o qual se fala, objeto “morto” que circula na história e adquire uma outra dimensão por meio do relato que funda um lugar simbólico. Como todo escrito, é uma mediação, ponte entre o tempo morto do trauma ou do arquivo – os discursos científicos atravessam a narrativa -- e a reparação – cena restaurada e transformada por meio da escritura—escrita e leitura.

Essa escrita epistolar só pode ser compreendida na relação que institui – entre pai e filho, entre a experiência subjetiva e a histórica, entre o sujeito e o grupo social. Esse distanciamento, próprio da escritura, instaura o “outro”, alteridade sobre a qual se fala e que desliza da condição de pai para o filho, do filho idealizado para o real, da mãe para a mulher,

---

<sup>2</sup> Na expressão de Hélène Piralian

da memória para a ficção. Metáfora do deslocamento como condição existencial, tarefa solitária e intransferível de instituição de um nome próprio e da aceitação dos limites, do que ele permite e interdita. “E me sobreveio a consciência do tempo-limite.” (KUCINSKI, 2017, p. 11)

A carta fundadora é também alegoria da origem imaginada e do desejo do pai de conhecê-la e fundá-la, ao mesmo tempo em que é constatação do seu desconhecimento e impotência. O pai/escritor busca, na origem desconhecida, uma justificativa para a dependência química do rapaz e a derradeira e sofrida ruptura familiar. Os instantâneos, o pudor, a mancha, o olhar. Detalhes diabólicos que prenunciam o futuro. Na primeira visita ao médico, “(...) um italiano idoso que reconhecia o torto e o fora do lugar apalpando. (...)”, constata-se um raquitismo grave da criança, provavelmente causado por muita miséria na gestação. O texto em primeira pessoa do médico é uma longa explicação científica, que termina com um conselho:

“Vou dizer uma coisa à senhora: metade dos bebês com marasmo não passa de uma ou duas semanas. E, dos que sobrevivem, muitos nunca serão crianças sadias. Meu conselho? Devolva! Devolva já, minha senhora, vá correndo e devolva, antes que se afeiçoe.”

O escritor começa pelo fim, destino de toda escrita que sempre chega ao seu destino, e retoma a história factual, sua épica paterna, como quem refaz um caminho em busca de algo perdido – um elo, um erro, um engano fatal que justificaria o destino sabido, início e razão da carta e do romance. “Flagrantes podem prenunciar o indesejável.” O filho é pretexto para falar de si próprio, sua condição de pai adotivo quase impulsiva, impensada. “Adota-se para fugir de um luto”, afirma o pai enlutado pelo filho abandonado. “É como se uma pergunta puxasse outra e outra até puxar a pergunta maior que, embora dormente, jamais as

abandona: por que se tornaram adotadas?” (KUCISKI, 2017, p. 42) A pergunta, atribuída ao filho adotivo e a todos os filhos adotivos, parece converter-se numa pergunta para si mesmo.

“Esqueci completamente que acabara de me tornar pai, que adotara um bebê.” (KUCINSKI, 2017, p. 16)

A atendente antipática disse: veja se tem uma mancha escura na lua da unha. Perguntei: Que tipo de mancha? Uma estria, disse. Em seguida, ela própria abriu a mãozinha dele e lá estava a estria. Vai negrejar, ela disse. E fez cara de nojo. O mundo entrava nele e ele entrava no mundo. Devia estar com uns seis meses, se tanto.

Não entendo como certas pessoas sabem tantas coisas.” (KUCINSKI, 2017, p. 21-4)

A narrativa materna é um discurso íntimo e amoroso sobre o filho e seu pequeno corpo que demandou intenso cuidado nos primeiros meses de vida da criança. Extremamente frágil e vulnerável.

“Você não disse uma palavra da hérnia de umbilical dele. Você não se lembra? (...). Você devia ter contado essa história (...). Eu pensava que ia ser tão simples. E foi uma saga.” (P. 31-2 2017)

Diferentemente do discurso paterno, a mãe não busca no passado desconhecido nenhuma explicação ou justificativa, tampouco parece procurar uma origem ou um sentido para o que se passou. “As coisas aconteceram como aconteceram (...)” (p. 13, 2017) Embora

o marido não partilhe e não compreenda essa condição, parece buscar amparo nela, no elo misterioso e compassivo que une mãe e filho. À racionalidade e explicações paternas, a mãe responde:

“Eu não teria escrito uma carta dessas; não digo que seja injusta, cada um elabora a seu modo – eu elaboro reconhecendo o quanto ele me deu, não o quanto tirou.” (p. 13, 2017) Sofrendo com o filho, compassiva.

Aos nove meses, a criança adoeceu severamente. Após noites em claro e idas diárias ao médico, a mãe, exausta, se põe a tocar piano. O menino finalmente adormece. Vivo. E os pais também. Parto difícil e sofrido da criança e de seus pais que nascem para a nova família.

“Durante doze dias ardeu em febre. Seu nariz escorria de coriza. Seus olhos lacrimejavam. Sua respiração ficou pesada. Sua testa porejava incessantemente. Acessos de vômito sacudiam seu corpinho. Se conseguia ingerir um pouco de leite ou um caldo, seguia-se uma diarreia. A febre o exauria. Não conseguia dormir. Pensamos que ia morrer. (...) Ele estava com nove meses.” (KUCINSKI, p. 28)

Na escola, o menino faz festa ao receber a mãe – dança e canta em torno dela e de si mesmo, feliz. “Festejava a minha chegada, chegada da mãe.” (P.13, 2017). Faz amigos, come de tudo e aprende muito cedo a usar os talheres. Precocemente pudico, observa o pai. Como uma premonição. No fim do romance, ao se despedirem, o rapaz diz à mãe: “Eu sempre tive você como minha mãe; quando a gente andava de mãos dadas e os outros falavam, eu até estranhava eles falarem.” (P. 150, 2017)

Nem a mãe, nem o menino fazem qualquer referência à diferença fenotípica dos dois. Porque, de fato, ela não faz diferença. O pai, ao contrário, parece questionar a legitimidade de seu lugar paterno em função do que sente como fracasso. Narcisicamente ofendido.

Foste preso e condenado. Eu também fui preso e tive que me exilar; e antes de mim, meu pai, mas não por motivos torpes – por nos opormos à tirania. E concluí: eu é que (...) não me dava conta e me atormentava à toa com um filho que já não era meu filho, porque não tinha comigo nada em comum. (KUCINSKI, p. 11, 2017)

Afinal, diz ele, “Adoção é posse, aquisição.” (KUCINSKI, 2017, p. 17)

Talvez essa seja a razão de sua busca incessante por algum indício que justificasse seu malogro, sua derrota: a desistência do filho. Ainda que esta venha acompanhada de toda racionalidade possível: estudo, ciência. As drogas, o vício, os sustos, o medo, algo sempre mais além, ou aquém. “Passada quase uma vida, quando o feito não pode ser desfeito, pus-me a estudar.” (p. 17, 2017)

No ano em que o bebê foi adotado, o pai estava em viagem fora do país, muito envolvido com seu trabalho. Sua mulher liga para dizer que surgiu uma criança, pergunta o que ele acha. “Deduzo que já viu o bebê, já se engraçou, já o trouxe ao regaço. Digo que sim, tudo bem. (...) você dá conta até eu voltar?” (KUCINSKI, ps. 15-6, 2017)

A narrativa parece revirar-se sobre si mesma nas temporalidades intercaladas do relato; do presente para o passado, deste para o presente e o futuro, na polifonia das vozes em fontes diferentes que não dialogam, mas evidenciam uma impossibilidade e circunscrevem cenas, arcos do tempo-espaço e da memória. Testemunhas da solidão do luto paterno. “Adota-se para fugir a um luto.” (KUCINSKI, p.17, 2017). A carta-testamento converte-se num meio – o único, talvez – para, enfim e por fim “(...) compor com o filho adotado a narrativa da adoção.” (p. 18, 2017). No *a posteriori*. Tempo-limite, diz ele, aquele circunscrito pela narrativa, por oposição à atemporalidade do trauma.

O corpo, o passado, o texto --acontecimento pretérito que não passa e ultrapassa o “morto” -, desdobra-se em outro da escrita testemunhal sobre o qual o texto se volta para exorcizar e performatizar a ausência num lugar nomeado, simbolizado; nos textos que atravessam o romance de outro tempo e lugar, no discurso direto que atualiza a ação, desloca o acontecimento vivido do passado para o presente da narrativa. As descrições minuciosas e detalhadas das enfermidades e do corpo do filho que, “Todavia, não chorava. E, por entre as pálpebras intumescidas, seus olhos faiscavam de vontade de viver.” (...); sua pose na fotografia, o tom da pele, os olhos purulentos, sua resiliência, seu desejo de vida diante de um pai surpreso e quase descrente. Olhando o passado do futuro.

“Devolva, devolva já. Antes que se afeiçoe. (...) Palavras ferem mais que um punhal, deixam marcas que não saram.” (KUCINSKI, p. 21, 2017)

O relato termina inconcluso – pretérito imperfeito -- num reencontro dos pais com o filho num país distante, -- Terra prometida -- exílio voluntário do filho.

“Assim como não sei como a história começou, não sei como vai terminar. Sei que dela estou fora. Dela sou agora tão somente um narrador (...)”.

Carta que chega ao seu destino-- talvez o próprio remetente? –, mas não procura por ele; ao contrário, começa pelo fim para construir uma origem. A travessia importa mais que seu destino. Esse é o paradoxo. Corpo transmutado em verbo, corpo da palavra. Texto travessia, palavra silenciosa em comunhão que ancora e funda uma outra narrativa. Capaz, não de restituir o tempo perdido, mas de fundar outra temporalidade, e assim, circular.





**Referências bibliográficas**

Freud, S. À guisa de introdução ao Narcisismo. Trad. Luis Hans, vol. 2, obras completas

KUCINSKI, B. Pretérito Imperfeito São Paulo, Companhia das Letras, 2017

Piralian, H. Genocídio y Transmision Fondo de Cultura E. 2000

Raveli, F.A. Indícios do Traumático no romace “De Amor e Trevas”—uma experiência de leitura. Instituto de Psicologia da USP, tese de doutorado, 2013